
PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA INCLUSÃO DO AUTISTA NA ESCOLA

PEDAGOGICAL PROPOSALS FOR THE INCLUSION OF AUTISTIC IN SCHOOL

Maria do Céu Carvalho

Graduada em Música pelo PARFOR/UFPI. Professora da rede estadual de educação do Piauí – SEDUC/PI.
E-mail: ceucarvalho717@gmail.com

RESUMO

O autismo é uma síndrome global do desenvolvimento que afeta a capacidade de comunicação e socialização. Tais limitações dificultam a interação dos indivíduos no ambiente familiar, social e escolar. É a respeito da inclusão do autista no ambiente escolar que este trabalho foi construído. Tomamos como objeto de estudo a Unidade Escolar Demerval Lobão situada no bairro Primavera em Teresina, no Piauí, visando conhecer o processo de inclusão e desenvolvimento do aluno autista na rede regular de ensino fundamental, observando sua inserção nas atividades pedagógicas e recreativas, além de identificar as dificuldades do professor no atendimento a esse público, propondo atividades e técnicas que possam melhorar a qualidade do ensino e o desenvolvimento das potencialidades dos alunos portadores dessa síndrome. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que ocorreu através da observação participante em sala de aula, tendo a entrevista como instrumento de coleta de dados. Diante disso, estabeleceram-se as seguintes questões norteadoras: Como ocorre a inclusão de um aluno autista no terceiro ano do ensino fundamental, na rede regular de ensino? Como interage com os colegas e como reage diante dos conteúdos ministrados? Como desenvolve suas atividades? Elas são diferenciadas? Há uma integração entre aluno e professor? Que propostas pedagógicas os professores desenvolvem em sala de aula com esses alunos? São essas questões que procuramos responder no decorrer deste trabalho.

Palavras-chave: Inclusão. Integração. Autismo. Aprendizagem

ABSTRACT

Autism is a global developmental syndrome that affects the ability to communicate and socialize. Such limitations make it difficult for individuals to interact in the family, social and school environment. It is about the inclusion of

the autistic person in the school environment that this work was built. We took as the object of study the Demerval Lobão School Unit located in the Primavera district in Teresina, Piauí, aiming to know the process of inclusion and development of the autistic student in the regular elementary school network, observing their insertion in pedagogical and recreational activities, in addition to identifying the teacher's difficulties in serving this public, proposing activities and techniques that can improve the quality of teaching and the development of the potential of students with this syndrome. This is a qualitative research that took place through participant observation in the classroom, using the interview as a data collection instrument. Therefore, the following guiding questions were established: How does the inclusion of an autistic student in the third year of elementary school, in the regular school system, occur? How do you interact with colleagues and how do you react to the content taught? How do you develop your activities? Are they differentiated? Is there an integration between student and teacher? What pedagogical proposals do teachers develop in the classroom with these students? These are the questions that we try to answer in the course of this work.

Keywords: *Inclusion. Integration. Autism. Learning*

INTRODUÇÃO

O autismo é uma síndrome global do desenvolvimento que afeta a capacidade de comunicação e socialização do indivíduo. No tocante à inclusão dos alunos autistas na escola, ainda são escassos os trabalhos. É nesta lacuna que este trabalho se localiza. Nosso objetivo é discutir a inclusão dos alunos autistas na Unidade Escolar Demerval Lobão, da rede regular do ensino fundamental em Teresina, no Piauí. Observa-se que, no Brasil, ao buscar matricular um filho numa escola pública, as famílias geralmente se deparam com a ausência de vaga ou com a justificativa de que não há profissionais habilitados para atender esse aluno. Quando são aceitos, são segregados, ficando à margem das atividades pedagógicas.

Diante disso estabelecemos as seguintes questões norteadoras: Como ocorre a inclusão de um aluno autista no terceiro ano do ensino fundamental, na rede regular de ensino? Como interage com os colegas e como reage diante dos conteúdos ministrados? Como desenvolve suas atividades? Elas são diferenciadas? Há uma integração entre aluno e professor? Que propostas pedagógicas os professores desenvolvem em sala de aula com esses alunos? São essas questões que procuramos responder no decorrer deste trabalho.

O objetivo geral desta pesquisa foi conhecer o processo de inclusão e desenvolvimento do aluno autista na rede regular de ensino fundamental. Os objetivos específicos foram: reconhecer a integração do aluno autista em sala regular; identificar as dificuldades do professor no ensino aprendizagem com o aluno autista; observar a participação desse aluno nas atividades pedagógicas como também em atividades recreativas.

A escolha do tema se deu devido à necessidade da compreensão das necessidades do público autista, bem como da busca por estratégias e metodologias que promovam a inclusão dos mesmos. A importância desse estudo é fornecer subsídio necessário para a compreensão dos fenômenos e operações psíquicas envolvidas no processo de desenvolvimento no ensino aprendizagem de um aluno com Transtorno do Espectro Autista, ajudando no dia a dia de alunos e professores. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e interpretativa, tendo a entrevista como mecanismo de coleta de dados.

O QUE É INCLUSÃO?

É difícil pensarmos que pessoas são excluídas em razão de suas características físicas e mentais, pois já nascem com essas características e não podem, de certa forma, ser culpadas por tê-las. A exclusão se verifica quando as pessoas não têm as mesmas oportunidades dentro da sociedade, sendo as principais vítimas os deficientes físicos, visuais, auditivos e mentais. O mundo sempre esteve fechado para mudanças em relação a essas pessoas, porém, muitas mudanças aconteceram nas últimas décadas até que a Organização das Nações Unidas (ONU), declarou o ano de 1981 como o Ano Internacional das Pessoas com Deficiências (AIPD), trazendo à tona a discussão de que as pessoas portadoras de alguma necessidade especial eram também merecedoras dos mesmos direitos que os outros cidadãos.

A Educação Inclusiva atualmente tem sido alvo de muitas discussões e debates tanto na rede pública como na rede privada, alcançando uma esfera global, envolvendo conferências, manifestações e demais acontecimentos nos quais sempre é mencionada a Declaração de Salamanca (1994) que diz respeito a um movimento ocorrido na cidade de Salamanca, Espanha no período de 7 a 10 de junho de 1994, do qual participaram mais de trezentos representantes de noventa e dois governos, com o objetivo de promover a Educação para Todos, cujo enfoque era a integração das pessoas que têm necessidades educativas especiais.

A conferência foi organizada pelo governo espanhol e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). Na oportunidade, foi aprovada a Declaração de Salamanca, cujos princípios políticos visavam suprir as necessidades educativas especiais traçando uma linha de ação, ou seja, um conjunto de estratégias para desenvolver esse ensino especial. Tal documento refletiu um consenso mundial sobre os rumos dos serviços educativos especiais. Como sabemos, o futuro não está definido, mas será configurado por nossos valores e por nossa maneira de pensar e de agir.

A Constituição Brasileira de 1988 diz que a educação é um direito de todos e dever do Estado e da Família. Esse processo educativo deverá ter a colaboração da sociedade ao visar o pleno desenvolvimento da pessoa e seu preparo para o exercício da cidadania e para o ingresso no mercado de trabalho. A Lei nº 9.394 de 20/12/1996 (BRASIL, 1996), conhecida como LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação – trata, especificamente no capítulo V, da Educação Especial, que define como modalidade da educação preferencialmente em rede pública de ensino que são as classes especiais. Já a Lei de nº 12.764 que instituiu a “Política Nacional dos Direitos da Pessoa com Transtorno Autista, sancionada no dia 12 de dezembro de 2012 (BRASIL, 2012) pela então presidenta Dilma Rousseff, declara que os autistas passam a ser considerados oficialmente com direito a todas as políticas de inclusão no país.

A Política Nacional de Educação Inclusiva discorre, em sua introdução, sobre a necessidade de uma política cultural, social e pedagógica que permita a todos os alunos estudarem juntos, aprendendo e participando de atividades sem nenhum tipo de discriminação. Neste trabalho, buscaremos evidenciar como está sendo feita essa inclusão de fato e de direito.

No Brasil, poucas são as pesquisas realizadas sobre a inclusão de crianças autistas, por se tratar de um distúrbio neurológico pouco conhecido. A escolha desse tema, portanto, pretende explorar essa lacuna, partindo da ideia de que, na prática, essa inclusão não existe, visto que, quando as famílias buscam matricular seus filhos nas escolas, geralmente lhes é negada a vaga. Quando são aceitos, esses alunos ficam segregados, conforme apontam as pesquisas.

É preciso, então, analisar a forma como a inclusão está sendo implementada; se está ou não gerando aprendizagem e se vem se configurando como uma experiência positiva, não só para os alunos, mas também para os demais envolvidos com a proposta (familiares, professores do ensino comum e especial), levando em consideração o momento em que a inclusão com frequência no espaço da escola comum será iniciada, além de outras variáveis (MENEZES, 2012, p.51).

Diante dessa citação acreditamos e defendemos a inclusão escolar do sujeito com autismo, por reconhecermos as vantagens que a escola comum pode trazer no desenvolvimento desse sujeito. É preciso, no entanto, conhecer um pouco mais sobre o autismo para poder pensar um processo inclusivo mais justo e amplo.

O QUE É AUTISMO?

Ao tratarmos sobre o autismo faz-se necessária uma retrospectiva histórica. Segundo Surian (2010), o autismo é um distúrbio que se manifesta através de dificuldades marcantes e persistentes na interação social, na comunicação e num repertório de interesses e atividades. De acordo com esse autor, o autismo aparece antes dos 3 anos de idade e permanece na idade adulta. De cada mil crianças, aproximadamente, uma é autista ou apresenta um distúrbio semelhante ao autismo, como síndrome de Asperger.

Há vinte anos, a imagem do autismo era tida como um distúrbio raro colocado no centro das discussões não só em páginas de revistas, mas também nos jornais e programas de TV. Segundo investigações recentes, a incidência do autismo atualmente nos Estados Unidos é de um autista para cada duzentos indivíduos. Conhecer o autismo, portanto, não é mais necessidade apenas dos pais de crianças com a síndrome, mas dos profissionais do sistema educacional, do sistema de saúde e de toda a sociedade. Os estudos realizados para detectar o autismo evoluíram bastante no que diz respeito às suas características, segundo Kanner (1943, p. 20): “As crianças autistas possuem uma aparência normal, sem sinais físicos do autismo. Essas crianças têm muitas vezes aspectos atraentes e inteligentes”.

Dessa forma, podemos observar que essas crianças só manifestam essa síndrome através do comportamento e da fala. No mais, são atraentes, inteligentes e saudáveis. O autismo possui várias características, conforme se pode verificar no excerto abaixo:

As crianças autistas possuem nove características ou sintomas que se classificam em: a incapacidade de relacionamento; retardo na linguagem; potencialidades cognitivas; temor de algum ruído; distúrbio na alimentação; baixa coordenação motora (KANNER,1943, p.22).

De acordo com esse cientista e psiquiatra austríaco, as crianças autistas têm dificuldades de relacionamento social, bem como, de realizar atividades sociais em qualquer espaço; não se sentem seguras para andarem sozinhas e esperam sempre serem conduzidas pelo braço; são muito repetitivas, tanto em frases inteiras quanto em palavras soltas, o que os cientistas chamam de “ecolalia”; têm potencialidades cognitivas além do esperado e desenvolvem trabalhos que chegam a surpreender.

Com relação à alimentação, o problema é tão grave que alguns não conseguem ingerir grãos, submetendo-se à dieta com comida pastosa, ou seja, liquidificada. Por vezes é necessária

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA INCLUSÃO DO AUTISTA NA ESCOLA

a administração forçada de alimentos selecionados por conta da deglutição e da mastigação. O autista segue sempre uma rotina que não deve ser alterada, a não ser em ocasiões especiais. Nesse caso, o autista deve ser preparado aos poucos para que a mudança ocorra. As alterações não planejadas podem ocasionar crises de choro, agressividade e até convulsão.

Quanto à interação social dos autistas, observa-se que ela pode ocorrer em qualquer idade cronológica. A esse respeito, Surian (2010, p.10) afirma que:

A manifestação fundamental do autismo diz respeito à falta de interação social adequada a sua idade. O desenvolvimento social parece muito inadequado, seja com relação às capacidades que esperamos com base na idade cronológica, seja com relação àquelas que se pode esperar com base na idade mental, ou seja, na idade indicada no desempenho dos testes de inteligência.

Dessa forma, faz-se necessário o desenvolvimento de atividades recreativas e pedagógicas que possibilitem a interação das crianças autistas, independentemente da idade, nos ambientes escolares e em quaisquer outros espaços, fazendo com que as mesmas despertem e participem dessas atividades socializadoras. Todos os estudos realizados em relação ao autismo confirmam que a interação social é fundamental, conforme aponta ainda Surian (2010, p. 10):

O Manual de Diagnóstico e Estatística de Desordem Mental, escrito pela Associação de Psiquiatria Americana (APA) prevê que sejam observados pelo menos dois dos seguintes aspectos: anomalias dos comportamentos não verbais que regulam as interações sociais; falta de relacionamento com os outros indivíduos da mesma idade; falta de tentativa de comportamentos de experiências, prazeres e interesses; falta de reciprocidade social emotiva.

Mediante ao exposto acima, é de extrema importância o diagnóstico referente ao comportamento, pois a partir daí pode-se desenvolver um trabalho adequado voltado para essas crianças, envolvendo profissionais com formação na área de desenvolvimento de crianças com DSM. Cabe ressaltar que essas crianças geralmente têm ausência de amizade e tendem a isolar-se socialmente. O autismo é caracterizado também por uma persistente carência de comunicação. Diante desse fenômeno Surian (2010, p. 13) afirma também que:

O critério do DSM prevê que se observe pelo menos dois dos seguintes sintomas: retardo ou falta de linguagem excessiva; dificuldade para iniciar ou continuar uma conversa; uso repetitivo ou anômalo de linguagem; falta de jogos de fantasias ou de imitação típico de nível evolutivo.

Com base nessas afirmações é possível constatar que os autistas têm retardo de linguagem bem acentuado, sendo necessário acompanhamento fonoaudiológico para que possam desempenhar melhor sua comunicação. Os autistas compreendem que alguém está falando, mas não se expressam como o esperado. É preciso que a fala seja direcionada.

Quando o autismo é severo é necessário que se descubram formas de estabelecer a comunicação tais como jogos de fantasias, músicas e brincadeiras que despertem o aspecto lúdico. Cerca de setenta por cento das crianças autistas possuem um retardo no desenvolvimento na linguagem. Nunca iniciam uma conversa se não forem antes estimulados para tal atividade. O aspecto mais evidente é o uso estereotipado e repetitivo da linguagem, verificado através da repetição literal de frases, o que chamamos de “ecolalia”.

A comunicação deve ser trabalhada diariamente com essas crianças, através de atividades que potencializem a interatividade e a expressão oral, favorecendo o desenvolvimento da linguagem. Os professores precisam ficar atentos ao comportamento das crianças, buscando as atividades que mais se adequam para cada caso.

A INCLUSÃO DO ALUNO AUTISTA NA ESCOLA REGULAR DE ENSINO

Dentro dos aportes teóricos encontrados é possível analisar que as práticas pedagógicas têm como função elaborar a partir da identificação das limitações, recursos pedagógicos que possibilitem a plena participação, buscando a autonomia e a independência do indivíduo. Para isso, é necessário adequar a realidade familiar e social ao aprendizado, considerando as questões culturais e afetivas que fazem parte da própria formação do ser. Essas ações devem efetivar a participação social do autista, ampliando suas oportunidades profissionais e de escolarização.

As práticas pedagógicas enfatizam que é necessária a qualificação dos profissionais que atuarão na educação inclusiva. Tal prerrogativa tornou-se imperiosa a partir da Declaração de Salamanca (1994), uma resolução das Nações Unidas que trata dos princípios, da política e da prática em educação especial. Aprovada em Assembleia Geral, tal declaração apresenta os procedimentos a serem adotados para a equalização de oportunidades para pessoas com deficiência. Vejamos um trecho da Declaração de Salamanca (1994, p. 61):

Inclusão e participação são essenciais à dignidade humana e ao gozo e exercícios dos direitos humanos. No campo da educação, tal se reflete no desenvolvimento de estratégias que procuram proporcionar uma equalização genuína de oportunidades. A experiência em muitos países demonstra que a integração de crianças e jovens com necessidades educacionais especiais é mais eficazmente alcançada em escolas inclusivas que serve a toda criança da comunidade.

É possível perceber a partir dessa citação que a educação é um campo de diversidade, não podendo acontecer de forma mecanizada a partir de uma fórmula única. As práticas são mutáveis e devem ser adequadas à realidade vivida dentro da escola, considerando as particularidades dos sujeitos. Para que haja inclusão é necessário que equipes multiprofissionais atuem com o mesmo propósito, instigando a interdisciplinaridade e trazendo novos conceitos para dentro da escola. Tal prática modifica a cultura societária, agregando a escola, a família e a sociedade como um todo na função de parceiros e agentes socializadores. Ao referir-se ao termo autismo, Cunha (2010, p. 32) afirma que:

A educação nas escolas inclusivas, independente do grau de severidade, deve ser vivenciada individualmente na sala de recursos e na sala de ensino comum favorecendo a sociabilidade, porque incluir é aprender juntos. Normalmente a concentração para atividades pedagógicas é muito pequena. Mas ainda que seja exíguo o momento em que o autista permanece concentrado, ele deve ser repetido dia após dia, de maneira lúdica e agradável, para que não se torne um enfado e haja irritabilidade, mas sempre uma nova descoberta para ser experienciada. Não educamos para geração de robôs, mas eminentemente para promoção da autonomia.

Ainda de acordo com Cunha (2010), as escolas devem estar preparadas, desde a estrutura física até a parte pedagógica, para receberem e oferecerem uma inclusão adequada a essas crianças independentemente do grau de autismo. A escola deve contar com uma sala de recursos

simples, sem muitos objetos, para que não haja estímulo demasiado. O espaço já deve ser utilizado previamente pela criança, evitando que ela se sinta desconfortável e intimidada em um ambiente novo. Deve-se buscar apoio nas coisas que a cercam ou nos movimentos que a atraem, evitando contrariá-la para que o medo e a raiva não ganhem proporções traumáticas. O(a) professor(a) precisa aprender a relacionar-se com o mundo autístico, transformando essa relação numa oportunidade para descobrir as habilidades e potencialidades dos sujeitos, gerando vínculos e melhorando o aprendizado.

Em se tratando de inclusão, questões, fundamentais ainda se apresentam no tocante à interação da criança com TEA (Transtorno do Espectro Autista) no interior das escolas, exigindo dos profissionais um enfrentamento diário das dificuldades a serem trabalhadas. No que se refere à inclusão, Charczuk e Folberg (2006 p. 44)., diz que “A escola deve estar preparada para recebê-los e não os segregar. Precisa estar ciente do que significa dar oportunidade para um aluno “diferente” participar e desenvolver suas potencialidades tal qual os outros alunos”.

Diante das afirmações dessas autoras percebe-se que a integração dos autistas somente ocorrerá se primeiro desenvolvermos um trabalho de conscientização do que significa inclusão envolvendo diretores, professores, coordenadores, alunos, pais, funcionários da escola e comunidade. Sem essa preparação nenhum(a) professor(a) concordará em aceitá-los na classe e mesmo que os aceitem, num primeiro momento, será muito difícil essa integração, pois não terão o suporte necessário que são os técnicos em educação especial. Portanto, todas as escolas inclusivas terão que ter conhecimento sobre o autismo através de palestras, capacitação de professores, psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas e de todos que fazem parte do ambiente escolar.

A inclusão é uma realidade que deve ser vista de fato e de direito, através da qual as crianças com TEA passam a ser assistidas de forma satisfatória para que possam desenvolver-se igualmente às outras crianças. Referindo-se à inclusão (ABENHAIM, 2005. p.51) afirmam: “Para pensar em inclusão é fundamental romper com o conceito de normal, passando-se a considerar que normal é a diversidade. Somos seres únicos e, portanto, incomparáveis [...]”.

As autoras apregoam, portanto, que devemos encarar a inclusão rompendo com o conceito de normal e passando a considerar que todos somos seres únicos dentro da diversidade. Em relação aos autistas, independente da severidade, são incomparáveis porque cada um tem seu jeito de ser e de aprender, realizando comportamentos diferentes.

ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Essa pesquisa tem um caráter qualitativo e interpretativo, tendo como mecanismo de coleta de dados, entrevistas feitas com professores. As perguntas foram elaboradas previamente. De acordo com Gil (1999, p.128), a entrevista pode ser definida como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc. Portanto, essa pesquisa foi desenvolvida com o intuito de saber como ocorrem as práticas pedagógicas para inclusão de alunos autistas em sala de aula.

COMO A ESCOLA DESENVOLVE SUAS ATIVIDADES COM O ALUNO AUTISTA

A escola Demerval Lobão, situada no bairro Primavera, em Teresina, é uma instituição com amplo espaço físico, onde são acolhidos todos os alunos, sem nenhuma distinção. As atividades desenvolvidas com os alunos autistas, às vezes, são diferenciadas daquelas destinadas aos demais, respeitando-se suas peculiaridades. O corpo docente é preparado e auxiliado por uma equipe multiprofissional, principalmente quando o grau do autismo é severo e requer mais atenção. A escola oferece formação continuada aos professores através de palestras e outras atividades. Também foi criada a AMA (Associação dos Amigos dos Autistas) com o objetivo de envolver a escola, a família e a sociedade no enfrentamento do problema.

Informações obtidas na entrevista

A partir das respostas de duas professoras (Quadro 1), observa-se que elas percebem a necessidade da inclusão e estão dispostas a se integrarem na luta para que ela aconteça realmente. Elas valorizam a existência dos vínculos criados entre todos que fazem parte da escola: professores, diretor e demais colegas juntamente com a comunidade tornando-se mais fácil e prazeroso o ensino-aprendizagem.

Quadro 1 - Como ocorre a inclusão de um aluno autista na rede regular?

| | |
|-----------|---|
| Respostas | <ul style="list-style-type: none">- A inclusão ocorre a partir do momento em que há interação entre professor e aluno, da entrada da sala de aula até a saída.- É preciso haver uma conscientização por parte de todos acerca do que é o autismo para que haja essa inclusão do aluno. |
|-----------|---|

Fonte: Pesquisa direta.

Essa inclusão não ocorre rapidamente, pois há um grande percurso para que ela seja atingida em sua plenitude. De acordo com Cunha (2010, p. 100): “Não podemos pensar em inclusão escolar sem pensarmos em ambiente inclusivo. Inclusivo não somente no tocante aos recursos pedagógicos, mas também pela qualidade humana”. O autor assegura, portanto, que o foco não deve deter-se apenas no ambiente físico, nem nos recursos pedagógicos, mas, sobretudo na formação humana.

As respostas das três professoras entrevistadas (Quadro 2), demonstram que elas têm consciência do problema e apontam soluções para o mesmo, reconhecendo que a inclusão plena perpassa pelo respeito à diversidade e pela condição de sujeito de direitos, nos quais o olhar sobre a normalidade deve ser redimensionado, na medida em que se busca compreender o sentido das expressões e das características de cada um.

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA INCLUSÃO DO AUTISTA NA ESCOLA

Quadro 2- O que é preciso para que essa inclusão ocorra de fato e de direito?

| | |
|-----------|---|
| Respostas | <ul style="list-style-type: none">- É preciso que haja muita informação sobre inclusão.- É preciso que se invista mais em capacitações/qualificações do corpo docente.- Investir mais no acompanhamento dessas pessoas. |
|-----------|---|

Fonte: Pesquisa direta.

Segundo a Revista Nova Escola (2013), percebe-se a necessidade constante de elaboração de novas políticas públicas voltadas para essa temática, garantindo que a inclusão possa ser cada vez mais ampliada. Segundo de acordo com esta a Revista:

Devemos rever as políticas públicas e atuais de modo a garantir aos educadores os conhecimentos, o tempo e a formação necessária para que o aluno não só seja matriculado, mas também tenham garantidos seus direitos (REVISTA NOVA ESCOLA, 2013, p. 27).

De acordo com as entrevistadas (Quadro 3), muitos alunos autistas interagem bem, outros apresentam certo grau de dificuldade com os conteúdos. Há também a predileção por alguns temas e atividades.

Quadro 3- Na sala de aula os alunos interagem com os conteúdos?

| | |
|-----------|---|
| Respostas | <ul style="list-style-type: none">- Eles são muito criativos e dóceis, mas nem sempre a interação é satisfatória.- Interagem muito bem, principalmente em conteúdos que abordam história ou documentários. |
|-----------|---|

Fonte: Pesquisa direta.

O professor é a peça-chave no processo de interação do aluno autista, principalmente no ambiente escolar. As respostas delas corroboram com o que afirma Cunha (2010, p. 46):

O fato do aluno com autismo possuir dificuldades de interação com o meio e outras pessoas, contribui grandemente para o prejuízo motor. O professor será de vital importância para o seu desenvolvimento psicomotor no espaço escolar.

Diante do exposto no Quadro 4, destaca-se que as atividades subjetivas e simbólicas devem fazer parte da rotina dos autistas. As atividades serão sempre repetitivas utilizando frases curtas e claras, dadas as particularidades do público-alvo.

Quadro 4- Como o aluno autista desenvolve suas atividades?

| | |
|-----------|--|
| Respostas | <ul style="list-style-type: none">- Desenvolve suas atividades com uma certa dificuldade.- É preciso que haja uma intervenção vez por outra para que ele possa prosseguir no mesmo ritmo do desenvolvimento dos demais. |
|-----------|--|

Fonte: Pesquisa direta.

O autista tem certa dificuldade em relação às atividades propostas. Isso ocorre pelo fato de as informações não serem processadas em tempo hábil como ocorre para as pessoas ditas

“normais”. Assim sendo, as intervenções do professor são cruciais para canalizar a atenção e direcionar o aprendizado. No tocante à realização de atividades, Cunha (2010, p. 40) afirma:

Proporcionar atividades nas quais sejam identificados e interpretados alguns contextos emocionais sugeridos pelo professor, poderá ser um caminho que facilitará a leitura de situações subjetivas e simbólicas do dia-a-dia.

Segundo as entrevistadas (Quadro 5), algumas dessas atividades devem ser adaptadas. Isso não significa um grau maior ou menor de dificuldade, mas um ajuste que precisa ser feito para atender as peculiaridades do público-alvo.

Quadro 5 – As atividades para os autistas são diferenciadas?

| | |
|-----------|---|
| Respostas | - Professores responderam que as atividades são adaptadas para o melhor desempenho do aluno para que assim possa acompanhar o desenvolvimento dos conteúdos da turma. |
|-----------|---|

Fonte: Pesquisa direta.

As atividades para autistas devem ser diferenciadas, podendo citar como exemplo os exercício de ligação de figuras aos nomes corretos, circulação dos nomes corretos em frases. Todas essas atividades têm um propósito, segundo Mantoan (2015, p. 74):

As atividades precisam ser desafiadoras para estimular os alunos a realizá-las, segundo seus níveis de compreensão e desempenho. Portanto, não se excluirá nenhum aluno das atividades nem serão oferecidas a alguns (os que sabem menos) atividades adaptadas, facilitadas. Toda atividade deverá suscitar exploração, descoberta, com base nas possibilidades e nos interesses dos alunos que optarem por desenvolvê-las em pequenos grupos ou por si mesmos.

Diante do exposto no Quadro 6 devemos enfatizar que atividades deverão ser desafiadoras, levando o autista asperge a descoberta através do seu raciocínio e compressão, embora tenha um raciocínio lento, entretanto devemos respeitar o seu tempo e limites e espaços, como no caso do aluno incluso nesta escola.

Quadro 6 - Na recreação, os alunos autistas interagem com os demais?

| | |
|-----------|---|
| Respostas | - As duas professoras responderam que às vezes há interação, em outras, a interação não acontece. |
|-----------|---|

Fonte: Pesquisa direta.

Assim, a partir das respostas das professoras, percebe-se que as crianças portadoras de autismo ainda são rejeitadas pelos coleguinhas por falta de informações. Como os autistas são mais reservados, não há da parte dos demais uma tentativa de aproximação, o que faz com que a dificuldade de interação se acentue. O autista tem muita dificuldade de relacionamento no convívio social com outras pessoas.

Cumprir destacar que é preciso que ocorra uma intervenção motivadora partindo do próprio professor, estimulando os demais alunos a uma integração saudável, conforme afirma Cunha (2010, p. 48):

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA INCLUSÃO DO AUTISTA NA ESCOLA

Possibilitar uma convivência social saudável deverá ser sempre um dos objetivos do educador. O aluno com autismo jamais poderá estar privado da interação com os outros e de aprender em grupo. Ademais ele poderá descobrir as regras sociais, a cordialidade, a amizade, o companheirismo e tantas outras coisas que apreendemos na convivência.

Pode-se afirmar então que o professor deverá proporcionar atividades sociais motivadoras e recreativas envolvendo crianças autistas com as demais crianças. Assim, todos passarão a aprender e a interagir em grupo.

Conforme consta no Quadro 7, as professoras reconhecem que é preciso criar um vínculo com os alunos autistas através de uma maior aproximação, buscando compreender as suas dificuldades para que possam contribuir e melhorar cada vez mais a aprendizagem

Quadro 7- Há uma integração aluno/ professor(a)?

| | |
|-----------|--|
| Respostas | - As duas responderam que há uma boa integração. |
|-----------|--|

Fonte: Pesquisa direta.

Diante do exposto é possível perceber a extrema importância do comprometimento dos professores com a afetividade e a proximidade com as crianças autistas. Cunha (2010, p. 49) relata ainda que:

Cientificamente sabemos que aprendemos melhor quando amamos. Também é comprovadamente experimentado que a carga afetiva contribui significativamente para a superação das dificuldades da aprendizagem. Sempre que atentarmos para o interesse do aluno e seus desejos em nossas práticas pedagógicas, estaremos nos comunicando com seu afeto.

É preciso potencializar as práticas pedagógicas através das atividades que lhes são propostas, sendo que, ao término da tarefa, deve-se elogiá-los através de palmas, parabéns, ou expressões como “muito bem!”.

Foi constatado no Quadro 8 que famílias raramente participa processo de inclusão. Porém, no processo de inclusão, a família do autista deve estar inserida a fim de fornecer subsídios que venham a contribuir para essa inclusão, como: comportamento do autista em casa, o que gosta de comer, se ele se veste sozinho, se toma banho só, dentre outras atividades,

Quadro 8 – A família participa desse processo de inclusão?

| | |
|-----------|-------------------------------------|
| Respostas | - As famílias raramente participam. |
|-----------|-------------------------------------|

Fonte: Pesquisa direta.

Cunha (2010) discorre que se faz necessário trazer a família do autista para dentro da escola para participar das ações psicopedagógicas, fortalecendo, assim, o vínculo entre professor/aluno/família e incluindo os mesmos nas tarefas para que haja uma inclusão adequada. A esse respeito, Cunha (2010, p. 90), explica ainda que:

Para a escola realizar uma educação adequada, deverá, ao incluir o educando no meio escolar, incluir também a sua família nos espaços de atenção e atuação psicopedagógica. Ensinar para a inclusão social, utilizando os instrumentais pedagógicos da escola e inserindo também a família, é fortalecê-la como núcleo básico das ações inclusiva e da cidadania.

O Quadro 9 mostra que existe resistência por parte dos colegas da escola para aceitação dos seus limites dos autistas. Constatou-se que escolas inclusivas não estão bem preparadas para receber alunos com Transtorno do Espectro Autístico (TEA). Dessa forma, é preciso que haja mais divulgação sobre a síndrome, principalmente em sala de aula, através de palestras e muitas informações, para que esses alunos sejam aceitos e respeitados em todos os seus limites.

Quadro 9 - O aluno autista é aceito pelos colegas da classe?

| | |
|-----------|--|
| Respostas | - Existe muita resistência por parte dos colegas para aceitação de seus limites. |
|-----------|--|

Fonte: Pesquisa direta.

Charczuck e Folberg (2008, p.44) afirmam que: “A escola deve estar preparada para recebê-los e não os segregar; precisa estar ciente do que significa dar oportunidade para um “diferente”, participar e desenvolver suas potencialidades tal qual os outros alunos”

As escolas atualmente não estão preparadas para receber esses autistas, pois têm professores que ainda não sabem o que é autismo. Portanto, as escolas devem ser preparadas desde a portaria até a diretoria através de palestras, informativos e panfletos para que o autista possa ter suas potencialidades desenvolvidas.

Segundo as entrevistadas (Quadro 10) a relação professor/família no processo de inclusão dificilmente acontece, o que demonstra o longo caminho a se percorrer neste aspecto, pois quanto maior o contato com a família nesse processo, melhores serão as possibilidades de sucesso no atendimento ao aluno com TEA.

Quadro 10- Qual a relação professor/família no processo de inclusão?

| | |
|-----------|---|
| Respostas | - Raramente acontece essa integração/relação. |
|-----------|---|

Fonte: Pesquisa direta.

Castro e Regattieri (2009), elegem como prioridade, dentre tantas ações importantes, a aproximação entre a escola e a família, por proporcionar a recuperação da singularidade do aluno visto no seu contexto mais amplo. Com base em um conjunto de pesquisas sobre esse tema, as pesquisadoras destacam a importância do conhecimento e da compreensão sobre os alunos, além do desenvolvimento da capacidade de comunicação e adequação das estratégias didáticas para o aumento da eficácia do trabalho pedagógico. Vale ainda ressaltar que a participação das famílias deve ser vista como parte constituinte do trabalho e do planejamento educacional (CASTRO, REGATTIERI, 2009). Portanto, é preciso que haja sempre uma ligação entre a família e a escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme as informações colhidas nesta pesquisa a inclusão deve ocorrer não somente na relação entre professor/aluno, mas, também, com todos aqueles que fazem parte da escola. E para que essa inclusão ocorra é preciso que haja mais professores qualificados, além de uma equipe multiprofissional para acompanhar o aluno na sala de aula.

PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA INCLUSÃO DO AUTISTA NA ESCOLA

Diante das respostas das professoras entrevistadas, o aluno interage bem na escola, apesar das dificuldades de aceitação dos colegas, fazendo-se necessário desenvolver um trabalho de conscientização sobre a temática de inclusão dentro da própria sala de aula, todos os dias, mencionando a necessidade das interações para possibilitar maior inserção e aprendizado dos conteúdos.

O aluno autista que frequenta a instituição de ensino (AMA) tem certas dificuldades em relação às atividades. Isso ocorre devido ao fato de ter dificuldade em organizar e processar as informações, diferentemente dos alunos ditos “normais”. Isso não impede esse aluno de também aprender, interagir e desenvolver-se como qualquer outra criança. E isso pode ser feito de forma prazerosa e agradável.

As atividades escritas propostas aos autistas devem ser diferenciadas, sendo compostas por frases curtas e claras. Dentre as atividades sugeridas, podemos elencar: atividades de ligação entre nomes e figuras; circulação de palavras corretas referentes à figura; complementação de lacunas em nomes dados, dentre outras. Através dessas atividades, o aluno desenvolve o seu processamento cognitivo, passando a pensar e a realizar as tarefas com menores dificuldades, chegando a resolver atividades mais complexas.

Quanto ao convívio social o aluno às vezes socializa e às vezes não. O autista tem dificuldade de socializar-se. Para que isso ocorra é necessário que essa socialização seja trabalhada, levando o mesmo a participar das festividades escolares, fazendo com que interaja com os outros, promovendo trabalhos em grupo etc. Mas, antes de envolvê-lo é preciso que esse aluno seja preparado através de conversas em relação a essas atividades para que não ocorra nenhuma rejeição do aluno em relação às mesmas.

O aluno autista da Escola Municipal Demerval Lobão interage muito bem com os professores, graças aos vínculos criados ao longo dos tempos com esse público. Entre as estratégias adotadas pelos professores estão: busca pela descoberta dos gostos do aluno, se faz alguma atividade em casa, qual tipo de atividade, como é sua rotina, enfim, conhecer o melhor o aluno.

A participação da família no processo de inclusão raramente acontece devido aos pais trabalharem fora e não terem tempo suficiente de acompanhar os seus filhos. Contudo, é muito importante a participação da família em todos os aspectos, pois a mesma contribuirá bastante para o desenvolvimento cognitivo, comportamental e social para que desempenhe melhor a sua aprendizagem.

Em relação à aceitação do aluno autista pelos colegas, nota-se que há uma rejeição muito grande devido à falta de informação sobre o autismo. Necessita-se, portanto, que seja feito um trabalho de conscientização envolvendo os alunos e a escola como um todo, mostrando-lhes que os autistas levam mais tempo para compreender uma informação e é necessário procurar conhecer melhor esse aluno aproximando-se mais e buscando mais informações em relação ao autismo. Quanto à relação professor-família, deve ser cada vez mais próxima, trazendo os pais para vivenciarem dentro da própria escola a aprendizagem do seu filho. Assim a escola e a família devem caminhar juntas para que haja uma boa aprendizagem. As escolas devem ser preparadas para receber os autistas e não os autistas preparados para a escola.

REFERÊNCIAS

- ABENHAIM, E. Os Caminhos da inclusão: breve histórico. *In*: MACHADO, A. M *et.al.* (org). **Psicologia e Direitos Humanos: Educação Inclusiva, direitos humanos na escola**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- BRASIL. Lei nº 12.764, 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 27 dez. 2012 Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/civil03/2014/2012/112764.htm> Acesso em: 22 mar. 2018.
- BRASIL. Lei nº 9394, 20 de dezembro de 1996. Estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- CASTRO, Jane Margareth; REGATTIERI, Marilza. **Interação Escola família: subsídios para práticas escolares**. Brasília: UNESCO, MEC, 2009.
- CUNHA, Eugênio. **Autismo e Inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. Rio de Janeiro: Wak, 2010.
- CHARCZUK, Maria Solange Bicca; FOLBERG Maria Mestrovsky, **Crianças Psicóticas e Autista: a construção de uma nova escola**. Porto Alegre: Mediação, 2013.
- DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **sobre princípios e métodos, políticas e práticas das necessidades educativas especiais**.1994. Disponível em:<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/Salamanca.pdf>. Acesso em: 12 dez. 2018.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.
- KANNER, Leo. Autistic disturbances of affective contact. **New child**, v. 2, p. 217, 1943.
- MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Summus, 2015.
- MENEZES, A.R.S.de. **Inclusão escolar de aluno com autismo: quem ensina e quem aprende?** 160f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro 2012.
- REVISTA NOVA ESCOLA. **Inclusão de autista um direito que agora é lei**. São Paulo: Abril, 2013. Disponível em:www.revistaescola.com.br. Acesso em: 14 mar.2014.
- SURIAN, Luca. **Autismo: Informações para familiares e profissionais de saúde**. Tradução Cacilda Rainho Ferrante. São Paulo: Editora Paulinas, 2010 (Coleção Psicologia e Sociedade).
- UNESCO. **Declaração Mundial sobre Educação para todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem**. Jomtien, 2000. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br>.